

LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E SUA ATUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR

IVAN VALE DE SOUSA
(ORGANIZADOR)



LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES E SUA ATUAÇÃO MULTIDISCIPLINAR

IVAN VALE DE SOUSA
(ORGANIZADOR)



2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Karine de Lima
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

| Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG) | |
|---|---|
| L755 | Linguística, letras e artes e sua atuação multidisciplinar [recurso eletrônico] / Organizador Ivan Vale de Sousa. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-874-8 DOI 10.22533/at.ed.748192312 1. Artes. 2. Letras. 3. Linguística. I. Sousa, Ivan Vale de. CDD 410 |
| Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422 | |

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Bem-vindos, leitores e leitoras às dezenove reflexões que compõem este belíssimo e-book!

A própria identidade deste livro já anuncia aos leitores a pluralidade de conhecimentos que será encontrada em cada um dos trabalhos, em cada um dos autores e das referências utilizados. São textos que interagem a partir de uma estética multidisciplinar, criando cartografias de múltiplos saberes, ampliando múltiplos olhares, sobretudo por partirem de contextos variados de produção, reflexão e investigação do conhecimento.

A originalidade deste e-book se encontra inserida na pluralidade das reflexões que os autores propõem para o campo da pesquisa em multifacetados contextos em que a linguagem toma forma e inebria-se de sentidos. Todo texto apresentado é único pelo seu campo de investigação, o que não o torna uma ilha, mas cada um constitui-se de uma grande colmeia de saberes.

As discussões deste e-book são realizadas a partir múltiplos discursos, de muitas mãos, de muitos pensamentos que ao mesmo tempo em que problematizam, indicam caminhos capazes de direcionar o saber internalizado de cada sujeito que enxerga e aceita o qualificado desafio de passear entre as muitas veredas apresentadas no plano da coletividade de cada texto.

São dezenove capítulos que dialogam com outros autores, que garimpam as mais límpidas e ricas reflexões no trabalho multidisciplinar e contínuo da linguagem. O ponto alto de cada um dos dezenove capítulos organizados nesta obra reitera a necessidade de realização de trabalhos coletivos, engajados e repletos de significados.

Os capítulos desta obra juntam-se às múltiplas vozes em prol de um processo educativo capaz de comunicar, informar, esclarecer, problematizar e propor soluções. Sendo assim, todos os trabalhos passeiam entre os campos das Letras, das pesquisas linguísticas e das linguagens artísticas no fazer docente.

Cada capítulo demonstra um pouquinho de como seus autores pensam, de suas essências, de suas inquietudes e de seus sonhos. Em linhas gerais, esperamos que sejam valiosas, ricas, significativas e eficazes as reflexões, doravante, apresentadas neste e-book.

Ivan Vale de Sousa

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| A CONTRIBUIÇÃO DO HISTÓRICO DE LETRAMENTO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL, SÉRIES FINAIS, NA MOBILIZAÇÃO DA INTERGENERICIDADE NA ESCRITA DO DIÁRIO DE APRENDIZAGEM | |
| Valdení Venceslau Bevenuto Marlene Maria Ogliari | |
| DOI 10.22533/at.ed.7481923121 | |
| CAPÍTULO 2 | 13 |
| LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS NO ENSINO BÁSICO | |
| Ivan Vale de Sousa | |
| DOI 10.22533/at.ed.7481923122 | |
| CAPÍTULO 3 | 24 |
| A AMBIGUIDADE NO GÊNERO PIADA E A CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO CAIPIRA | |
| Rayane Araújo Gonçalves | |
| DOI 10.22533/at.ed.7481923123 | |
| CAPÍTULO 4 | 35 |
| A CRENÇA ABSOLUTA NA VERACIDADE DOS DISCURSOS E DO LIVRO DIDÁTICO EM DISSONÂNCIA COM A TEORIA DO LETRAMENTO: ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA NO PIBID/ INGLÊS | |
| Nayara Stefanie Mandarinino Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.7481923124 | |
| CAPÍTULO 5 | 44 |
| A CONDIÇÃO HUMANA DO JOVEM LAZARO DE TORMES, NO CONTEXTO DA PICARESCA ESPANHOLA | |
| Maria Catarina Ananias de Araújo | |
| DOI 10.22533/at.ed.7481923125 | |
| CAPÍTULO 6 | 50 |
| A FOME COMO MÓVEL DA AÇÃO DO PÍCARO: UM BREVE ESTUDO ACERCA DO PERSONAGEM LÁZARO DE TORMES | |
| Maria Catarina Ananias de Araújo | |
| DOI 10.22533/at.ed.7481923126 | |
| CAPÍTULO 7 | 60 |
| A INSTAURAÇÃO DA FIGURA FEMININA SOB OS SIGNOS DA TENDENCIOSIDADE HUMORÍSTICA | |
| Eduardo de Lima Beserra Rodrigo Selmo da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.7481923127 | |
| CAPÍTULO 8 | 72 |
| A LITERATURA BELLATINIANA E A NARRATIVA PERFORMÁTICA | |
| Erika Rodrigues Coelho Natalino da Silva de Oliveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.7481923128 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 9 | 80 |
| AS METÁFORAS NOS TEXTOS CIENTÍFICOS | |
| Patricia Luciano de Farias Teixeira | |
| Elizany Alves de Araújo | |
| DOI 10.22533/at.ed.7481923129 | |
| CAPÍTULO 10 | 91 |
| CONTOS DE FADAS CONTEMPORÂNEOS: ROMPIMENTO COM A TENDÊNCIA TRADICIONAL OU ATUALIZAÇÃO DO GÊNERO? | |
| Maria Zildene Gomes Rabelo | |
| Denise Noronha Lima | |
| DOI 10.22533/at.ed.74819231210 | |
| CAPÍTULO 11 | 101 |
| O CONTO A BELA E A FERA À LUZ DA PSICANÁLISE NUMA VERTENTE CONSTRUTIVA PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL | |
| Cecilia Maria Tavares Dias | |
| DOI 10.22533/at.ed.74819231211 | |
| CAPÍTULO 12 | 113 |
| FANTASMAGORIAS DA MODERNIDADE: UM ENCONTRO DA POESIA COM A PINTURA | |
| Vera Maria Luz Spínola | |
| DOI 10.22533/at.ed.74819231212 | |
| CAPÍTULO 13 | 127 |
| MEMES VIRTUAIS, DISCURSO E LEITURA: APONTAMENTOS PARA UMA AULA DE LEITURA DISCURSIVA | |
| Gustavo Haiden de Lacerda | |
| Luciana Cristina Ferreira Dias Di Raimo | |
| DOI 10.22533/at.ed.74819231213 | |
| CAPÍTULO 14 | 132 |
| MONITORIA ACADÊMICA DE LÍNGUA LATINA: INICIAÇÃO E APOIO AO TRABALHO DOCENTE | |
| Antonia Nayara Pinheiro Rolim | |
| Everton Alencar Maia | |
| DOI 10.22533/at.ed.74819231214 | |
| CAPÍTULO 15 | 137 |
| MORFOLOGIA DERIVACIONAL: FORMAÇÃO DOS ADJETIVOS EM –VEL | |
| Ana Lúcia Rocha Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.74819231215 | |
| CAPÍTULO 16 | 150 |
| O LAMENTO DE ANDRÔMACA EM EURÍPIDES | |
| Luciano Heidrich Bisol | |
| DOI 10.22533/at.ed.74819231216 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 17 | 160 |
| PODER E IMPOTÊNCIA: O JOGO DE REPERCUSSÕES EM A RAPOSA JÁ ERA O CAÇADOR, DE HERTA MULLER | |
| Lucas Andreuchette Medeiros Ana Lúcia Montano Boessio | |
| DOI 10.22533/at.ed.74819231217 | |
| CAPÍTULO 18 | 167 |
| REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO EM “O ROMANCE DO CHUPIM DE MONTEIRO LOBATO | |
| Lays Emanuelle Viédes Lima Márcia Maria de Medeiros | |
| DOI 10.22533/at.ed.74819231218 | |
| CAPÍTULO 19 | 179 |
| O FAZER ARTÍSTICO ATRAVÉS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS (HQS) | |
| Stéfane Cristine Luz Freire Silva Gilson de Oliveira Morais Júnior Lucas Hordones Chaves | |
| DOI 10.22533/at.ed.74819231219 | |
| CAPÍTULO 20 | 188 |
| A AMBIGUIDADE NO GÊNERO PIADA E A CONSTRUÇÃO DO ESTEREÓTIPO CAIPIRA | |
| Rayane Araújo Gonçalves | |
| DOI 10.22533/at.ed.74819231220 | |
| SOBRE O ORGANIZADOR | 200 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 201 |

FANTASMAGORIAS DA MODERNIDADE: UM ENCONTRO DA POESIA COM A PINTURA

Vera Maria Luz Spínola

RESUMO: A motivação para escrever este trabalho veio de uma visita à exposição “Passagens por Paris: arte moderna na capital do século XIX”, no Museu de Arte de São Paulo (MASP) em novembro de 2013, que era inspirada no texto “Paris Capital do Século XIX”, de autoria do filósofo Walter Benjamin (1892-1940). Nosso objetivo é discutir alguns aspectos da modernidade, tomando por base o ensaio de Benjamin, no qual o autor utiliza a expressão fantasmagoria para captar o significado do fetiche da mercadoria como processo social de constituição da modernidade. A partir das reflexões de Benjamin (2003), e secundariamente de Karl Marx acerca do fetiche da mercadoria, analisamos três poemas de autores considerados modernos: “Os Sete Velhos”, do francês Charles Baudelaire (1821-1867); “Num Bairro Moderno”, do português Cesário Verde (1855-1886); e “Ladeira da Misericórdia”, do brasileiro/baiano Godofredo Filho (1909-1992). Tentamos travar um diálogo dos poemas com cenas representadas em três obras de arte: “O Conforto Moderno dos Objetos”, de autoria do francês Edouard Vuillard (1868-1940), exibido na exposição do MASP; “Os Sete Velhos”; do holandês Jan Mensiga (1924-1980); e “Incêndio no Pelourinho”, do brasileiro/

baiano João Alves (1906-1970), chamado por Jorge Amado de “o pintor da cidade”.

PALAVRAS-CHAVE: Fantasmagorias; Walter Benjamin; Charles Baudelaire;

ABSTRACT: The motivation to writing the current paper came up from a visit to the exhibition “Passages by Paris: modern art in the 19th century capital”, held at São Paulo Museum of Art (MASP) in November 2013. The exposition was inspired by the text “Paris Capital of the 19th Century”, written by the philosopher Walter Benjamin (1892-1940). Our objective is discussing some aspects of modernity, taking Benjamin’s essay as a guideline. The author uses the expression “phantasmagory” to capture the meaning of the commodity fetishism as a social process linked to modernity. Under the light of Benjamin’s insights, and secondly under Karl Marx’s insights on the commodity fetishism, we analyze three poems written by authors belonging to modernity: “The Seven Old Men” by the French poet Charles Baudelaire (1821-1867); *Num Bairro Moderno* (At a Modern Neighborhood), by the Portuguese author Cesário Verde (1855-1886); and *Ladeira da Misericórdia* (Misericórdia Slope), by the Brazilian poet Godofredo Filho (1909-1992). We try to establish a dialog between the poems and scenes depicted in three art works: *O Conforto Moderno dos Objetos* (The Modern Comfort of

the Objects), by the French painter Edouard Vuillard (1868-1940), which was exposed at MASP's exhibition; "The Seven Old Men", by the Dutch artist Jan Mensinga (1924-1998); and Incêndio no Pelourinho (Fire in Pelourinho), by the Brazilian painter João Alves (1906-1970), called "the painter of the city" by the Brazilian novelist Jorge Amado. **KEYWORDS:** Phantasmagories; Walter Benjamin; Charles Baudelaire

1 | INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é refletir acerca de alguns aspectos da modernidade, sob o olhar do filósofo Walter Benjamin (Berlim 1892-Portbou 1940), tendo como objeto três poemas, um de cada autor: Charles Baudelaire (Paris 1821-1867), Cesário Verde (Lisboa 1855-1886), e Godofredo Filho (Feira de Santana, 1912-Salvador 1992). Tenta-se estabelecer um diálogo dos poemas com obras de arte selecionadas. Nossa motivação partiu de uma exposição no Museu de Arte de São Paulo (MASP), em 2013, intitulada "Passagens por Paris: Arte Moderna na Capital do Século XIX", inspirada no ensaio de autoria de Benjamin (2003), "Paris Capital do Século XIX".

No ensaio, o autor associa o nome de uma personalidade a cada fenômeno da época, sugerindo, aí, uma compreensão da modernidade a partir de manifestações em aspectos culturais e específicos da realidade. Benjamin (2003) utiliza a expressão fantasmagoria como o fio condutor que capta o significado do fetiche da mercadoria como processo social de constituição da modernidade, lembrando que o "fetichismo da mercadoria" foi um conceito anteriormente desenvolvido por Karl Marx (1818-1883).

Da exposição do MASP, selecionamos a tela de autoria do pintor francês Édouard Vuillard (1868-1940), intitulada "O Conforto Moderno dos Objetos", que é o retrato da Princesa de Bibesco no seu apartamento moderno. Benjamin (2003) discorre sobre a poderosa magia de objetos encontrados nas residências burguesas, semelhante ao que se vê no apartamento da princesa, onde as coisas não têm necessariamente valor de uso. Travamos um diálogo entre a tela de Vuillard e alguns trechos do texto de Benjamin, especialmente as seções "Luís Felipe ou o interior" e "Baudelaire e as ruas de Paris".

Selecionamos o poema de Baudelaire "Os Sete Velhos" (Les Sept Vieillards) para discutir o oposto da abundância, em que o poeta expressa uma fantasmagoria angustiante, ao descrever o impacto causado pela figura de um velho mendigo. Em contraste à tela representando o apartamento moderno da princesa, selecionou-se um desenho de autoria do artista holandês Jan Mensinga, inspirado no poema de Baudelaire. Numa abordagem dialética, pode-se dizer que as obras de arte selecionadas representam respectivamente duas faces paradoxais da modernidade: a abundância e a carência. Foi com esse paradoxo que desenvolvemos a segunda seção do trabalho, com o subtítulo de Flanando com Walter Benjamin e Baudelaire.

A atitude do *flâneur*, explorada por Benjamin, levou-nos a Lisboa, sob o olhar de Cesário Verde com seu poema "Num Bairro Moderno". Nossas reflexões e comentários

acerca do poema constituem a terceira seção do artigo.

Em seguida, na quarta seção, flanando pelo Centro Histórico de Salvador, travamos um diálogo do poema “Ladeira da Misericórdia” de autoria do poeta modernista baiano Godofredo Filho com uma pintura de João Alves (Ipirá 1906-Salvador 1970), artista baiano identificado com o modernismo “primitivo”.

2 | FLANANDO COM WALTER BENJAMIN E BAUDELAIRE

Ao vaguear pela exposição “Passagens por Paris: Arte Moderna na Capital do Século XIX”, o quadro “O Conforto Moderno dos Objetos” (Figura 1) foi um dos que mais nos chamou a atenção. Trazia a seguinte legenda:

O tempo já é dos objetos, a sociedade de consumo que se iniciara no final do século XIX começa a instalar-se para ficar. A sala da princesa Bibesco é um oceano de coisas – e ela mesma parece um objeto a mais. Seu retrato é feito por aquilo que ela possui, não pelo que ela é. A obra, também num impressionismo tardio, poderia ser tanto de crítica quanto de adesão à ostentação visível num “apartamento moderno” (MASP, 2013, p. 66)

Em outras palavras, a tela “O Conforto Moderno dos Objetos” (Figura 1) é uma representação polissêmica, como a maioria dos objetos identificados com a arte. O quadro pode ser tanto uma exaltação quanto uma crítica ao consumo.

O ensaio “Paris Capital do Século XIX” foi escrito em 1935. Nele, Benjamin se propôs a mostrar as novas formas de vida e de criações decorrentes da revolução industrial a partir do século XIX. Ele diz entrar no universo da fantasmagoria, que o dicionário define como a arte de fazer surgir, de fazer ver, imagens luminosas por efeito de ilusões de ótica. Pode ser também, no sentido figurado, uma ideia ou expressão que se opõe ao que é racional.

Benjamin (2003, p. 5) observou que as exposições universais, sobretudo ocorridas em Paris no século XIX, combinavam-se com a indústria do entretenimento. Na sua abordagem, o flâneur se deixa levar pelas fantasmagorias do mercado, pelos bens produzidos em escala graças ao avanço da tecnologia. Lembra-se que Charles Baudelaire desenvolveu um significado para flâneur de “uma pessoa que anda pela cidade a fim de experimentá-la”.

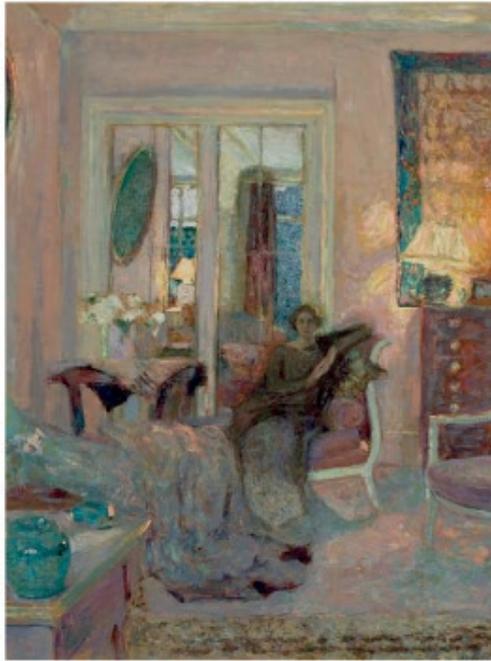


Figura 1 – “O Conforto Moderno dos Objetos”
Edouard Vuillard (França/1940). Acervo do MASP



Figura 2 “Les Sept Vieillards” (Os Sete Velhos)
Jan Mensiga (1924-1998) – desenho do artista holandês inspirado no poema de Baudelaire.

Walter Benjamin comenta que exposições idealizavam o valor de troca das mercadorias e colocavam seu valor de uso em segundo plano. Com seus objetos e parques de diversão, proporcionavam a fantasmagoria, quando o homem se deixa levar pelo deleite de coisas que parecem incorporar certa magia. “Eram centros de peregrinação da mercadoria-fetichismo” (Idem, p. 9).

Com o subtítulo “O caráter fetichista da mercadoria e seu segredo” Karl Marx, no primeiro capítulo da obra *O Capital*, havia se referido ao conceito com as palavras:

À primeira vista, a mercadoria parece uma coisa trivial, evidente. Analisando-a, vê-se que ela é uma coisa muito complicada, cheia de sutileza metafísica e manhas teológicas. Como valor de uso, não há nada misterioso nela, quer eu a observe sob

o ponto de vista de que satisfaz necessidades humanas pelas suas propriedades, ou que ela somente recebe essas propriedades como produto do trabalho humano (MARX, 1983, p.70).

Marx ressalta que o valor da mercadoria só é realizado na troca: “Como os produtores somente entram em contato social mediante a troca de seus produtos de trabalho, as características especificamente sociais de seus trabalhos privados só aparecem dentro dessa troca” (Idem, p. 71). O local abstrato dessas trocas é o que chamamos de mercado. O economista/filósofo percebe o caráter efêmero do objeto de troca ao observar que “todo o misticismo do mundo das mercadorias, toda magia e fantasmagoria que enevoa os produtos de trabalho na base de produção de mercadorias, desaparece, por isso, imediatamente, tão logo nos refugiemos em outras formas de produção.” (Idem, p. 73). Na nossa interpretação, ele quer mostrar que a magia despertada por uma mercadoria cessa ao desviarmos a atenção para outro objeto ou forma de produção. De fato, a produção em escala na economia de mercado requer uma constante ampliação e renovação dos bens de consumo, requer um dinamismo desse mercado. A moda está em sintonia com as necessidades do próprio sistema, ao provocar as mudanças nos gostos dos consumidores.

Benjamin (2003) amplia a concepção marxista de fetichismo da mercadoria ao utilizar a expressão fantasmagoria como fio condutor de uma abordagem que capta o fetichismo como processo social de constituição da modernidade. Ele se propõe a discutir a modernidade através de imagens produzidas a partir do avanço tecnológico, tomando essas imagens como representação do mundo moderno. Em outras palavras, faz uso de uma alegoria, que, como síntese cultural, tende a incorporar as contradições de uma sociedade.

Do ensaio de Benjamin (2003), procuramos dialogar com as seções “Luís Felipe ou o interior”, e “Baudelaire e as ruas de Paris”.

Louis Philippe (1773-1850) foi rei dos franceses de 1830 até sua abdicação em 1848. Seu reinado foi dominado por ricos burgueses e vários ex-oficiais napoleônicos. Benjamin associa Louis Philippe aos interiores que seriam como uma caixa que serve de abrigo ao áspero mundo da cidade grande, um refúgio onde se acumulam objetos de luxo. O colecionador é o ser que ocupa esse interior. Tem prazer em suscitar um mundo não apenas distante e defunto, mas também um mundo melhor; um mundo onde o homem é também pouco provido para falar a verdade daquilo que ele tem necessidade no mundo real, mas onde as coisas são liberadas da necessidade de serem úteis (BENJAMIN, 2003, p. 11-12), tal como no apartamento moderno da Figura 1.

Em contraste com esse interior luxuoso, surge o poeta Baudelaire, buscando inspiração nas ruas de Paris. Segundo Benjamin (2003, p. 14), a genialidade de Baudelaire, que encontra alimento na melancolia, é alegórica. Pela primeira vez, em Baudelaire, Paris se torna objeto de poesia lírica. Como *flâneur*, Baudelaire procura

refúgio na multidão, como um véu através do qual a cidade familiar se move em fantasmagoria, numa multiplicidade de imagens.

Na obra de Baudelaire, aparecem personagens populares, excluídos da prosperidade burguesa. Benjamin reconhece em Baudelaire uma fantasmagoria angustiante, presente com todo vigor no poema *Les Sept Vieillards* (Os Sete Velhos) (BAUDELAIRE, s/d). A poesia trata da aparição, sete vezes seguidas, de um velho de aspecto repugnante (Quadro 1). Esse indivíduo é apresentado na sua multiplicação como testemunho da angústia do cidadão.

| | |
|--|--|
| <p>Cidade fervilhante, cidade a sonhar, Onde o espectro, de dia, agarra o passante! Os teus mistérios correm por todo lugar Qual seivas nos canais do soberbo gigante. Uma manhã, enquanto na rua cinzenta, As casas, que com a bruma ficavam maiores, Imitavam os dois cais de um rio que aumenta, E, cenário que evoca a alma dos atores, Uma mancha amarela nublava o espaço, Eu ia, qual herói, armazenando forças, A falar com minha alma cheia de cansaço, Pelo bairro agitado por grandes carroças. Súbito, um velho num remendo amarelado, Que a cor do céu chuvoso vinha duplicar, Desses que atraí esmolos pelo seu estado, Não fosse o brilho de maldade em seu olhar, Surgiu. Sua pupila vinha mergulhada Em fel; seus olhos tinham lâminas agudas De geada, e a barba dura como espada Se projetava idêntica a que foi de Judas. Mais que curvo, partido desde o espinhaço Até a perna num ângulo reto perfeito, De tal jeito que o seu bastão, fechando o traço, Dava à sua figura e seu andar o efeito De um quadrúpede enfermo ou judeu de três patas. Em meio à neve e ao lodo, pisava fundo Como se espezinhasse os mortos com as sapatas, De modo mais hostil que indiferente ao mundo.</p> | <p>Vinha com seu par: barba, olhar, costas, cajados, Gêmeos em tudo, do mesmo inferno saído, Espectros tão antigos quanto amaneirados A seguir para o mesmo fim desconhecido. Em que complô infame eu tinha me enredado Ou que acaso perverso tanto me humilhava? Pois contei sete vezes devagar, pausado Que este velho sinistro se multiplicava! Todo aquele que ri de meu tom inquieto, E não foi invadido por tremor fraterno, Repare que apesar do aspecto tão decrépito Os sete horríveis monstros tinham o ar eterno! Como olhar, sem morrer, uma oitava versão Do sócia obrigatório, irônico, fatal, Pai e filho de si mesmo, Fênix malsão? - Mas dei as costas para o cortejo infernal. Irritado, qual bêbedo que vê em dobro, Tranquei-me em casa, atônito, longe de tudo, Hirto, febril, com a alma doente de logro, Dilacerado pelo mistério e o absurdo! Minha razão queria sustentar a vela; Mas de nada valia contra o temporal, E minha alma dançava, antiga caravela Num mar medonho, sem mastros, sem litoral!</p> |
|--|--|

Quadro 1 – Les Sept Vieillards. Os Sete Velhos¹, poema de autoria de Baudelaire.

Fonte: Baudelaire s/d

O poeta começa descrevendo o ambiente da cidade grande, “cidade fervilhante”, mas aos poucos vai criando uma sensação pesada, a começar pelo tempo cinzento. Sua alma está cansada num bairro agitado por grandes carroças:

Cidade fervilhante, cidade a sonhar,
Onde o espectro, de dia, agarra o passante!

1 Disponível em http://www.revistazunai.com/traducoes/charles_baudelaire.htm, tradução de Duda Machado. Acesso em 16 out. 2018.

Os teus mistérios correm por todo lugar
Qual seivas nos canais do soberbo gigante [...]
(BAUDELAIRE, s/d)

No poema aparecem vários exemplos de fantasmagoria, quando o olhar do flâneur faz as coisas se multiplicarem, a exemplo de:

[...] Uma manhã, enquanto na rua cinzenta,
As casas, que com a bruma ficavam maiores,
Imitavam os dois cais de um rio que aumenta [...]
(IDEM, s/d)

A figura do velho provoca em Baudelaire um sentimento ambíguo. Tem vontade de lhe dar esmola, mas fica assustado com o olhar, com a barba que parece de Judas, com o andar curvado sobre um cajado que faz o poeta lembrar um quadrúpede deficiente ou um judeu de três patas:

[...] Súbito, um velho num remendo amarelado,
Que a cor do céu chuvoso vinha duplicar,
Desses que atraí esmolas pelo seu estado,
Não fosse o brilho de maldade em seu olhar [...]

[...] De geada, e a barba dura como espada
Se projetava idêntica a que foi de Judas [...]

[...] De um quadrúpede enfermo ou judeu de três patas.
Em meio à neve e ao lodo, pisava fundo
Como se espezinhasse os mortos com as sapatas,
De modo mais hostil que indiferente ao mundo [...]
(IDEM, s/d)

A cena era tão chocante que, em sua fantasmagoria angustiante e poética, multiplica o velho por sete.

[...] Em que complô infame eu tinha me enredado
Ou que acaso perverso tanto me humilhava?
Pois contei sete vezes devagar, pausado
Que este velho sinistro se multiplicava! [...]
(IDEM, s/d)

E a ambiguidade de Baudelaire se manifesta novamente ao revelar que sente um “temor fraterno”. A figura humana lhe desperta medo, repugnância, e ao mesmo tempo, certa identidade e solidariedade:

[...] Todo aquele que ri de meu tom inquieto,

E não foi invadido por tremor fraterno,
Repare que apesar do aspecto tão decrépito
Os sete horríveis monstros tinham o ar eterno! [...]
(BAUDELAIRE, s/d)

O poeta não é um flâneur qualquer, que sente o prazer fugaz da circunstância. A cena é passageira, mas dela procura extrair o eterno ao observar “Os sete horríveis monstros tinham o ar eterno”. E na sua inquietação vai procurar refúgio em casa, onde não encontra tranquilidade. O temporal de fora dá-lhe a impressão de estar vivenciando um naufrágio sem qualquer perspectiva de salvação:

[...] Minha razão queria sustentar a vela;
Mas de nada valia contra o temporal,
E minha alma dançava, antiga caravela
Num mar medonho, sem mastros, sem litoral!
(IDEM, s/d)

O poema *Os Sete Velhos* inspirou o desenho do artista holandês Jan Mensiga (Figura 2), em contraste com o quadro “O Conforto Moderno dos Objetos” (Figura 1).

As duas obras de arte expressam dimensões opostas da modernidade, pós-revolução industrial: de um lado os consumidores de uma profusão de objetos sem valor de uso, e do outro, os excluídos, os marginalizados vivendo em condições precárias, os quais o sistema não tem condições de absorver, tais como os velhos de Baudelaire.

3 | EM LISBOA COM CESÁRIO VERDE

Deixemos Baudelaire. Vamos vagar em Lisboa com Cesário Verde (1855-1886).

Segundo a filóloga portuguesa Maria Ema Tarracha Ferreira, Cesário é um poeta-pintor, aquele que foi simultaneamente considerado um realista e um parnasiano:

É também reivindicado pelos Surrealistas como seu antecessor, pois foi o primeiro a tentar deliberadamente traduzir nos seus versos ‘certo espírito secreto’, corrigindo, pela visão transfiguradora, a objetividade de naturalista, e reconstituindo, por meio de imagens e de analogias audaciosas, que dão um sentido profundo ao mundo concreto, uma super-realidade (FERREIRA, 1995, p. 28)

O poema “Num Bairro Moderno” (Quadro 2) publicado em 1878 no *Diário de Notícias de Lisboa*, reflete seu realismo-surrealista com um encadeamento textual comum à literatura modernista: o fluxo de consciência. Tem-se a sensação do flâneur, isto é, daquele que dá um passeio sem um rumo específico, visando observar o cotidiano de uma rua, de uma cidade:

Dez horas da manhã; os transparentes
Matizam uma casa apalaçada;
Pelos jardins estancam-se as nascentes,
E fere a vista, com brancuras quentes,
A larga rua macadamizada [...]
(VERDE, s/d)

Na caminhada pelas ruas de Lisboa, o poeta procura experimentar a cidade. Cesário busca algo que se pode chamar de modernidade, tentando extrair o eterno do fugaz, como se quisesse perpetuar o fugidio de um instante em um momento infinito. O poema é uma crônica descritiva do cotidiano de uma rua. Sob o olhar do poeta, aparecem belas residências da modernidade, os jardins, as ruas calçadas. O autor destaca aconchego da casa burguesa com seus objetos de valor, que configuram aquilo que Benjamin chamou fantasmagoria, e Marx, fetiche da mercadoria:

[...] Rez-de-chaussée repousam sossegados,
Abriram-se, nalguns, as persianas,
E dum ou doutro, em quartos estucados,
Ou entre a rama dos papéis pintados,
Reluzem, num almoço, as porcelanas
Como é saudável ter o seu conchego,
E a sua vida fácil! Eu descia,
Sem muita pressa, para o meu emprego [...]
(VERDE, s/d)

O olhar do poeta cai justamente sobre aqueles que não participam plenamente da prosperidade capitalista: sobre uma vendedora de verduras; uma ambulante, sem emprego formal. Ele a descreve como roliça, portando tamancos típicos dos camponeses portugueses.

[...] Notei de costas uma rapariga,
Que no xadrez marmóreo duma escada,
Como um retalho da horta aglomerada
Pousara, ajoelhando, a sua giga [...]
(VERDE, s/d)

| | |
|---|---|
| <p>Dez horas da manhã; os transparentes Matizam uma casa apalaçada; Pelos jardins estancam-se as nascentes, E fere a vista, com brancuras quentes, A larga rua macadamizada. Rez-de-chaussée repousam sossegados, Abriram-se, nalguns, as persianas, E dum ou doutro, em quartos estucados, Ou entre a rama dos papéis pintados, Reluzem, num almoço, as porcelanas. Como é saudável ter o seu conchego, E a sua vida fácil! Eu descia, Sem muita pressa, para o meu emprego, Aonde agora quase sempre chego Com as tonturas duma apoplexia. E rota, pequenina, azafamada, Notei de costas uma rapariga, Que no xadrez marmóreo duma escada, Como um retalho da horta aglomerada Pousara, ajoelhando, a sua giga. E eu, apesar do sol, examinei-a. Pôs-se de pé, ressoam-lhe os tamancos; E abre-se-lhe o algodão azul da meia, Se ela se curva, esguelhada, feia, E pendurando os seus bracinhos brancos. Do patamar responde-lhe um criado: “Se te convém, despacha; não converses. Eu não dou mais.” E muito descansado, Atira um cobre lívido, oxidado, Que vem bater nas faces duns alperces. Subitamente - que visão de artista! - Se eu transformasse os simples vegetais, À luz do Sol, o intenso colorista, Num ser humano que se mova e exista Cheio de belas proporções carnis?! Bóiam aromas, fumos de cozinha; Com o cabaz às costas, e vergando, Sobem padeiros, claros de farinha; E às portas, uma ou outra campainha Toca, frenética, de vez em quando. E eu recompunha, por anatomia, Um novo corpo orgânico, ao bocados. Achava os tons e as formas. Descobria Uma cabeça numa melancia, E nuns repolhos seios injetados. As azeitonas, que nos dão o azeite, Negras e unidas, entre verdes folhos, São tranças dum cabelo que se ajeite; E os nabos - ossos nus, da cor do leite, E os cachos de uvas - os rosários de olhos.</p> | <p>Há colos, ombros, bocas, um semblante Nas posições de certos frutos. E entre As hortaliças, túmido, fragrante, Como alguém que tudo aquilo jante, Surge um melão, que lembrou um ventre. E, como um feto, enfim, que se dilate, Vi nos legumes carnes tentadoras, Sangue na ginja vívida, escarlate, Bons corações pulsando no tomate E dedos hirtos, rubros, nas cenouras. O Sol dourava o céu. E a regateira, Como vendera a sua fresca alface E dera o ramo de hortelã que cheira, Voltando-se, gritou-me, prazenteira: “Não passa mais ninguém!... Se me ajudasse?!...” Eu acerquei-me dela, sem desprezo; E, pelas duas asas a quebrar, Nós levantamos todo aquele peso Que ao chão de pedra resistia preso, Com um enorme esforço muscular. “Muito obrigada! Deus lhe dê saúde!” E recebi, naquela despedida, As forças, a alegria, a plenitude, Que brotam dum excesso de virtude Ou duma digestão desconhecida. E enquanto sigo para o lado oposto, E ao longe rodam umas carruagens, A pobre, afasta-se, ao calor de agosto, Descolorida nas maçãs do rosto, E sem quadris na saia de ramagens. Um pequerrucho rega a trepadeira Duma janela azul; e, com o ralo Do regador, parece que joeira Ou que borrija estrelas; e a poeira Que eleva nuvens alvas a incensá-lo. Chegam do gigo emanações sadias, Ouço um canário - que infantil chilrada! Lidam ménages entre as gelosias, E o sol estende, pelas frontarias, Seus raios de laranja destilada. E pitoresca e audaz, na sua chita, O peito erguido, os pulsos nas ilhargas, Duma desgraça alegre que me incita, Ela apregoa, magra, enfezadita, As suas couves repolhudas, largas. E, como as grossas pernas dum gigante, Sem tronco, mas atléticas, inteiras, Carregam sobre a pobre caminhante, Sobre a verdura rústica, abundante, Duas frugais abóboras carneiras.</p> |
|---|---|

Quadro 2 – Poema Num Bairro Moderno, de autoria de Cesário Verde, publicado em 1878

Fonte: Verde s/d.

O poeta se deixou levar pela fantasmagoria do flâneur descrita por Walter

Benjamin, e começa a viajar no brilho de personagens e coisas imaginárias. Numa atitude claramente surrealista, como se começasse a pintar um quadro além daquilo que via, na cesta de verduras identifica formas humanas. Os repolhos se transformam em seios; os nabos, em ossos; as uvas, em olhos; o melão, em um ventre. O efeito da luz do sol contribui para as imagens brilharem e se multiplicarem:

[...] E nuns repolhos seios injetados.
As azeitonas, que nos dão o azeite,
Negras e unidas, entre verdes folhos,
São tranças dum cabelo que se ajeite;
E os nabos - ossos nus, da cor do leite,
E os cachos de uvas - os rosários de olhos.
Há colos, ombros, bocas, um semblante
Nas posições de certos frutos. E entre
As hortaliças, túmido, fragrante,
Como alguém que tudo aquilo jante,
Surge um melão, que lembrou um ventre.
E, como um feto, enfim, que se dilate,
Vi nos legumes carnes tentadoras,
Sangue na ginja vívida, escarlate,
Bons corações pulsando no tomate
E dedos hirtos, rubros, nas cenouras [...]
(VERDE, s/d).

Mas o grito da vendedora “Não passa mais ninguém!... Se me ajudasse?!...” faz o poeta voltar à realidade. Vai ajudar a vendedora a levantar sua pesada cesta. Ela lhe agradece com uma alegria ingênua.

Deixando Cesário no bairro moderno de Lisboa, partimos para a próxima flânerie, na cidade do Salvador, também conhecida como Cidade da Bahia, capital do Brasil colonial de 1549 a 1763.

4 | NA BAHIA COM GODOFREDO FILHO E JOÃO ALVES

O ponto de partida foi o poema “Ladeira da Misericórdia” do poeta modernista brasileiro/baiano Godofredo Filho (Feira de Santana 1904 – Salvador 1992):

Foste rua de prosápia
e hoje és ladeira de negras
de mulatas sífilíticas
de soldados e de bêbados

ruas de míseras putas
ou das sombras que entrevejo
cavalgando desabrido
ginetes de bruma errante

Ó, esse amor ignorado
Que só eu te dei, ó ladeira
de insone Misericórdia:

amor de carne, de sangue,
de saliva e beijos ácidos,
amor que sobe no fundo
dos pântanos seminais
(GODOFREDO FILHO, 1979)

Além de poeta, escritor e professor, Godofredo Filho foi também diretor do IPHAN, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, cargo que exerceu por cinquenta anos (1936-1985). O espaço urbano foi assim objeto de trabalho e preocupação. Para ele, modernizar significava também preservar, logo a ‘cidade moderna’ não se oporia à ‘cidade museu’.

A professora de literatura da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Mônica Menezes, observou:

Nesse texto está visível a ambivalência do estereótipo, na qual convivem tanto a dominação e o prazer, quanto o medo e a recusa. O negro é desejado e amado (embora o amor seja carnal), mas também é execrado e punido com a miséria e a fome. É o discurso do colonizador que se repete com tudo que há de normativo, racionalizador e excludente (MENEZES, 2005, p. 8)

Na análise da pesquisadora, o olhar do poeta havia sido contaminado pela mentalidade do colonizador. Godofredo defende a preservação da cidade museu concomitante à modernização urbana, mas ao mesmo tempo propõe que a população carente, habitante dos casarões em estado precário, sem condições de “higienizá-los”, seja removida para locais distantes do Centro Histórico.

A Ladeira da Misericórdia existe desde o século XVI e era uma das vias de acesso de pedestres entre a Cidade Alta e a Cidade Baixa, ligando a Rua da Misericórdia (Cidade Alta) ao início da Ladeira da Montanha no bairro do Comércio. Os personagens do poema parecem circular em meio aos turistas que visitam o monumental Centro Histórico. Ali se pode encontrar tanto a fantasmagoria reluzente do ouro barroco das igrejas quanto a fantasmagoria angustiante de Baudeulaire, herança de uma sociedade colonial escravagista.

Para travar um diálogo do poema com a pintura, selecionamos o quadro representado na Figura 3, “Incêndio no Pelourinho” (LIMA, 2012, p. 17), do artista baiano João Alves, titulado “o pintor da cidade” por Jorge Amado, que o imortalizou como personagem do romance *Dona Flor e Seus Dois Maridos*.

João Alves foi um artista negro autodidata, que trabalhou como engraxate dentre muitos outros ofícios no Pelourinho (LIMA, 2012, p. 13). Sua atividade como pintor ocorreu principalmente nas décadas de 1940, 1950, e 1960, lembrando que, segundo

Lima (2012, p. 23), a década de 1950 foi o apogeu do modernismo nas artes da Bahia.

A pintura é uma narrativa do cotidiano da cidade. Incêndios de casarões do centro histórico eram comuns naquela época e continuam acontecendo hoje em pleno século XXI. O professor Milton Santos chama atenção para os incêndios recorrentes naquele local, habitado pela população pobre, vivendo em cortiços. Santos (2008, p.169) observa que dos 854 incêndios registrados em Salvador entre 1943 e 1952, mais da metade, isto é 453, ocorreu nos bairros centrais da Sé e da Conceição da Conceição da Praia.

Figura 3 – Incêndio no Pelourinho.

João Alves (Acervo do Museu Afro Brasileiro, São Paulo/SP)

O pintor João Alves (Ipirá 1906-Salvador 1970) e o poeta Godofredo Filho (Feira de Santana 1909-Salvador 1992) foram contemporâneos.

Sob a perspectiva do poeta, o abandono dos governantes levou à degradação da Ladeira da Misericórdia. Seus sentimentos são contraditórios. Refere-se à sensualidade e a atração que sente pelas negras, mas ao mesmo tempo propunha que a população carente fosse removida para se preservar a cidade museu. Os personagens do poema de Godofredo podem ser identificados com a população negra desesperada com o incêndio da Figura 3. As pinceladas não detalham os semblantes, as feições, mas mostram que a população pede socorro. Os bombeiros, todos brancos, parecem apáticos espectadores, incapazes de apagar o fogo. Seria como o pintor negro via a indiferença da elite branca?

Ao vaguear pelo Centro Histórico, em pleno século XXI, em meio ao ambiente pitoresco e efervescente, depara-se com um corpo negro estendido no chão, que parecia invisível aos passantes. Poderia ser um dos bêbados do poema de Godofredo Filho ou uma figura baudelairiana, ou um dos personagens desesperados do quadro de João Alves (Figura 3). Desperta curiosidade e ao mesmo tempo receio de proximidade.

Os sete velhos de Baudelaire se multiplicam pelos becos.

Os inúmeros ambulantes, sem emprego formal, parecem versões ampliadas e multiplicadas da vendedora de frutas do poema “Num Bairro Moderno”, de Cesário Verde. Há mulheres de acarajé, vendedores de picolé, de taboca, de pipoca, de mingau, além dos que comercializam quinquilharias, como fitas do Senhor do Bonfim.

Em meio à imponência barroca do Centro Histórico da cidade do Salvador, ao brilho dourado das igrejas, a fantasmagoria angustiante de Baudelaire ainda se faz presente.

REFERÊNCIAS

BAUDELAIRE, Charles. **Os Sete Velhos**, s/d. Disponível em <http://www.revistazunai.com/traducoes/>

charles_baudelaire.htm, tradução de Duda Machado. s/d. Acesso em 16 out. 2018

BENJAMIN, Walter. **Paris, capitale du XIXe siècle 1939**. Quebec: Chicoutimi, 2003. Disponível em http://www.urban-trop-urbain.fr/wp-content/uploads/2011/04/Benjamin_Paris-capitale-du-XIXe-si%C3%A8cle.pdf, acesso em 10 set. 2018.

FERREIRA, Maria Ema Tarracha. Introdução. **O Livro de Cesário Verde**. 4ª edição. Lisboa: Editora Ulisseia, 1995, p.7-29.

GODOFREDO FILHO. **Ladeira da misericórdia**. Salvador: Ed. Macunaíma, 1979.

LIMA, Márcio Santos. **João Alves, O Pintor da Cidade: relações dialógicas entre a pintura “primitiva” e o modernismo baiano**. Salvador, 2012. Disponível em https://ppgav.ufba.br/sites/ppgav.ufba.br/files/dissertacao_marciolima_parte01-merged.pdf . Acesso em 21 mar. 2019.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. Tradução de Regis Barbosa e Flávio R. Kothe. – Coleção Os Economistas. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

MASP, Museu de Arte de São Paulo. **Passagens por Paris: arte moderna na capital do século XIX**. Catálogo da Exposição, 2013.

MENEZES, Mônica. **As Bahias de Godofredo Filho**. Salvador: I Enecult, 2005, disponível em <http://www.cult.ufba.br/enecul2005/MonicadeMenezesSantos.pdf> . Acesso em 20 out. 2018.

SANTOS, Milton. **O Centro da Cidade do Salvador**: Estudo de Geografia Urbana. 2ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Salvador: Edufba, 2008.

VERDE, Cesário. **Num Bairro Moderno**, s/d. Disponível em <http://www.citador.pt/poemas/num-bairro-moderno-cesario-verde>. Acesso em 15 out. 2018.

Sites Consultados

http://www.revistazunai.com/traducoes/charles_baudelaire.htm, tradução de Duda Machado. Acesso em 16 out. 2018

<https://www.google.com/search?sa=X&q=Images+Les+Sept+Vieillards+Jan+Mensiga&tbm=isch&source=univ&ved=2ahUKEwiEuI3z7ZbhAhUkD7kGHX5JC9cQ7Al6BAgJEJE&biw=1034&bih=620%20-%20imgrc=NBdsfPVOdwXbIM#imgrc=lbwQFtyKM7rfmM>. Acesso em 01 jun. 2019

<http://www.citador.pt/poemas/num-bairro-moderno-cesario-verde>. Acesso em 15 out. 2018.

SOBRE O ORGANIZADOR

Ivan Vale de Sousa - Mestre em Letras pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. Especialista em Gramática da Língua Portuguesa: reflexão e ensino pela Universidade Federal de Minas Gerais. Especialista em Arte, Educação e Tecnologias Contemporâneas pela Universidade de Brasília. Especialista em Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense. Licenciado em Letras: Português/Espanhol e Respectivas Literaturas pela Fundação Universidade do Tocantins. Licenciado em Teatro pela Universidade Federal do Maranhão.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acessibilidade 13, 14, 16, 17, 20, 22

Ambiguidade 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 80, 103, 119, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198

Aprendizagem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 37, 75, 101, 102, 108, 110, 132, 133, 135, 179

B

Bilinguismo 14, 15, 20

C

Contexto laboral 60

Contos de fadas 91, 92, 93, 95, 96, 100, 101, 102, 103, 108, 109, 110, 111, 112

Currículo escolar 13, 16, 17, 19

D

Discursos 13, 14, 18, 19, 20, 22, 35, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 84, 86, 90, 128, 131, 158, 172

E

Educação linguística 17, 23, 36

Ensino básico 13, 15, 17, 18, 21

Ensino fundamental 1, 2, 4, 11, 36, 37, 42, 180

Equidade 17, 22

Escola regular 15, 18, 20, 42

Escrita 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 25, 33, 34, 45, 50, 53, 72, 73, 92, 99, 108, 109, 130, 165, 178, 189, 198, 199

Euripedes 89

F

Figura feminina 60, 61, 66

Formação bilíngue 13

G

Gramática 13, 15, 134, 136, 138, 140, 148, 200

H

Herta Muller 160, 161, 165

Histórias em quadrinhos 179, 180, 181, 182, 187

I

Igualdade 17, 20, 136, 164, 174

Inclusão 4, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 142

L

Lázaro de Tormes 47, 50, 55

Leitura 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 24, 27, 40, 45, 46, 49, 51, 53, 55, 58, 101, 102, 103, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 127, 128, 129, 130, 131, 153, 160, 162, 163, 164, 165, 179, 180, 181, 188, 191

Letramento 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 17, 18, 20, 21, 22, 35, 36, 37, 39, 42, 112

Língua 2, 4, 5, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 41, 42, 43, 51, 61, 63, 64, 65, 72, 84, 86, 89, 90, 106, 108, 111, 127, 129, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 155, 181, 189, 198, 199, 200

Língua Brasileira de Sinais 13, 14, 15, 17, 18, 19, 21, 22, 23

Língua Latina 132, 133, 134, 135, 136

Língua Portuguesa 2, 4, 5, 10, 11, 14, 15, 21, 34, 51, 72, 89, 111, 127, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 144, 147, 181, 199, 200

Literatura 44, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 58, 59, 72, 74, 91, 92, 95, 96, 100, 102, 108, 109, 110, 112, 120, 124, 143, 148, 160, 161, 165, 167, 168, 169, 179

Livro didático 33, 34, 35, 36, 37, 198, 199

M

Memes 127, 128, 129, 130, 131

Metáforas 68, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 163

Monteiro Lobato 167, 168

Morfologia 137, 138, 142, 145

P

Piada 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 60, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199

Poesia 7, 113, 117, 118, 152, 156

Psicanálise 64, 95, 101, 102, 103, 109, 111, 112

